

NEGOCIAÇÃO SALARIAL III CAMPINAS

Greve tem adesões em três setores

Primeiro dia afetou parcialmente Educação, Saúde e Segurança; Prefeitura nega prejuízo a serviços

Moara Semeghini
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
moara.semeghini@rac.com.br

O primeiro dia de greve dos servidores públicos de Campinas, ontem, teve adesões nas áreas de Educação, Saúde e Segurança Pública. Segundo a Prefeitura, a paralisação não levou prejuízos aos serviços públicos e mobilizou 3% da categoria. O Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal de Campinas (STMC) não informou o número de trabalhadores parados na cidade. Pela manhã, ao menos 1,5 mil servidores, segundo o sindicato, se reuniram em frente ao Paço Municipal e saíram em passeata pelo Centro.

Governo diz que 3% pararam; pela manhã, houve ato no Centro

Além dos servidores da Prefeitura, os trabalhadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) também iniciaram greve ontem. Eles tentam negociação salarial com a reitoria da universidade e pedem a interrupção de um plano de corte de gastos, devido à crise econômica (leia texto nesta página).

Na Prefeitura de Campinas, além dos 23% de reajuste, os servidores também pediram aumento no vale-alimentação dos atuais R\$ 788,00 para R\$ 1.117 (aumento de 22%), além de aquisição de seguro de vida e a criação de um novo benefício, batizado pela categoria como "Hospital para os Servidores" — que tornaria o atendimento nas unidades de saúde mais ágil para pacientes que forem servidores públicos.

Tradicionalmente, as pautas sobre reajuste e economia são tratadas no mês de maio entre os servidores e o governo municipal. A Administração afirmou que recebeu com surpresa a notícia da greve pois houve apenas uma reunião e que ainda não tinham sido esgotadas as tentativas de negociação. A Prefeitura diz que "continua aberta ao diálogo".

"Nós dissemos aos trabalhadores que precisaríamos de um prazo maior na negociação em virtude de todo o cenário de instabilidade econômica e política do País", disse o secretário de Relações Institucionais Wanderlei de Almeida. Em nota, a secretaria informou que de janeiro a abril Campinas arrecadou R\$ 1.377 bilhão e que, no mesmo período de 2015, a arrecadação foi de R\$ 1.373 bilhão, um crescimento nominal de 0,32% e com uma inflação de quase 10%. Dessa forma, para acompanhar a inflação, a Prefeitura precisaria de R\$ 130 milhões a mais.

O STMC informou que os trabalhadores se reúnem hoje, às 7h, em frente ao Paço Municipal para iniciar mais um dia de protestos, passeatas



Servidores municipais se concentram em frente ao Paço Municipal para passeata que reuniu 1,5 mil funcionários pelas ruas do Centro, segundo cálculos do sindicato da categoria



Aviso de greve em unidade de saúde: no Mário Gatti, pacientes dizem que espera foi um pouco maior ontem

tas pelo Centro e reuniões setoriais. "O sindicato planeja manter 30% dos funcionários trabalhando nas áreas essenciais, mas uma liminar da Justiça obtida pela Prefeitura determinou que pelo menos 70% dos serviços considerados indispensáveis estejam funcionando. Estamos respei-

tando isso", afirmou o coordenador do sindicato, Jadirson Tadeu Cohen.

Pacientes

No Hospital Municipal Dr. Mário Gatti, o vendedor Ottoniel Pinheiro Ferreira, de 34 anos, com dores por conta de um problema de varizes na

perna esquerda, esperava pelo atendimento de um clínico geral. "O atendimento está um pouco mais demorado hoje. Tem uns 30 pacientes na minha frente ainda", reclamou. Já o aposentado Jorge Luiz Puccioli, de 59 anos, afirmou que a espera por atendimento estava apenas "um

Norma barra reajuste maior em ano eleitoral, diz governo

O prefeito Jonas Donizette (PSB) avalia com o departamento jurídico da Prefeitura se terá que, obrigatoriamente, seguir a orientação do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo que proíbe o aumento salarial em ano de eleição. A norma libera apenas o reajuste inflacionário relativo a quatro meses no ano do pleito. Com essas regras, a reposição inflacionária deverá ser de 3,56%, com base no índice do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) referente aos meses de janeiro, fevereiro, março

e abril, e não dos 12 últimos meses (9,33%), como é realizado nos anos em que não há eleição. A Prefeitura espera uma definição até amanhã — para quando está marcada uma nova rodada de negociações entre o Executivo e os trabalhadores. "Com a greve houve o rompimento das negociações, mas esperamos a resposta do jurídico quanto antes", disse o secretário de relações internacionais, Wanderley de Almeida. O secretário considerou que "pela pouca adesão à greve, os servidores estão conscientes do esforço da Prefeitura em resolver a questão". (Raquel Valli/AAN)

pouco maior". Ele acredita que os trabalhadores têm direito de entrar em greve mais não concorda com a paralisação. "Greve na saúde em época de gripe H1N1, dengue, zika e ainda com o Brasil em crise e com milhões de desempregados? Não acho certo neste momento", afirmou.

Mais conteúdo

Veja vídeo sobre o primeiro dia de greve

www.correio.com.br

Servidores da Unicamp iniciam paralisação

Grupo tenta ganhar apoio também dos funcionários do Hospital de Clínicas

A greve iniciada na Unicamp ontem mobilizou cerca de 60% funcionários segundo estimativa do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU). Os servidores públicos das três universidades paulis-

tas reivindicam 12,34% de reajuste e não aceitaram a proposta oferecida pelo Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), de 3% de aumento aos professores e funcionários técnico-

administrativos a partir do mês de maio.

Professores da universidade não farão greve, mas fazem uma paralisação entre ontem e hoje em apoio à causa. "Temos expectativa de que na próxima reunião do Cruesp (que acontece dia 30, às 15h) a gente consiga resposta para essas questões", disse João Raimundo Mendonça de Souza, diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp (STU).

O movimento de greve nas três universidades começou

na Universidade de São Paulo (USP), no dia 12 de maio — mesmo dia em que Senado Federal aprovou a abertura do processo que afastou Dilma Rousseff da presidência.

Em apoio aos funcionários, os estudantes da instituição — que ocupam o prédio administrativo da reitoria desde o dia 10 de maio e que também estão em greve — farão uma ação conjunta hoje para convencer servidores da área da Saúde da Unicamp a também aderir ao movimento, além de explicar aos pacientes que são

atendidos no Hospital de Clínicas as razões da greve.

Os alunos do grupo Ocupa Tudo Unicamp invadiram a reitoria em protesto contra o pacote de cortes de despesas da universidade, também cobram o sistema de cotas raciais e a ampliação na moradia estudantil. Eles também protestam contra o impeachment de Dilma Rousseff.

A Unicamp informou em nota que as atividades na área de Saúde funcionam normalmente assim como ocorre na maior parte das unidades de

ensino e pesquisa. A universidade lembra que a economia brasileira enfrenta um dos períodos mais críticos das últimas décadas. "Nesse momento difícil, a reitoria está segura de que os esforços realizados impõem-se como necessidade inquestionável não apenas para o cumprimento de seus deveres frente à sociedade, mas também na defesa de um modelo de universidade que garante ensino superior público, gratuito e de qualidade mesmo em tempos de crise", disse em nota. (MS/AAN)